

Macabéa: uma imigrante subalterna emudecida e invisibilizada

Maiara Ferreira de Oliveira¹

Resumo

Macabéa, personagem de Clarice Lispector em “A hora da estrela”, é uma jovem imigrante que passa por um processo comum na modernidade que é invisibilidade e o emudecimento. Pesquisadores pós-coloniais, como Homi Bhabha e Gayatri Spivak, ajudam-nos a compreender melhor o que significa isso. Como ocorre esse processo e será que tem como revertê-lo? O atual artigo discute a vida dessa personagem fictícia, tendo como base alguns pontos da crítica pós-colonial.

Palavras-chave: Macabéa, imigração, emudecimento, invisibilidade.

Introdução

A partir da segunda metade do século XX, o Brasil sofreu mudanças em sua forma de economia. O Nordeste tornou-se um lugar inóspito para seus próprios habitantes: secas, territórios concentrados nas mãos de poucos etc. Isso influenciando para que houvesse um maior êxodo desse local. Muitos nordestinos, a partir de então, passaram a deixar seu lugar de origem para trabalhar em cidades com maior processo de urbanização e com mais chances para se conseguir um emprego e o sustento.

Vários literários escreveram sobre esse êxodo e sobre as dificuldades que os nordestinos passaram em sua terra natal e na terra onde chegaram. Um desses escritores foi Clarice Lispector com o livro *A hora da estrela*. Clarice tratou com perspicácia desse assunto e ainda conseguiu captar a própria individualidade de um sujeito, o qual é a representação de uma sociedade de migrantes.

¹ Graduada pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: maiara.oliver@gmail.com

O presente artigo pretende analisar essa obra de Clarice Lispector, tendo como base alguns teóricos contemporâneos, como Homi Bhabha (2007), Spivak (2010) e Hanna Arendt (1989, 2000). Buscar-se-á compreender quais são as evidências de que a protagonista da novela, Macabéa, é uma “subalterna”, “emudecida” e “invisibilizada”.

Por falar na migração interna brasileira...

A migração para terras “melhores” teve início no século XIX, quando a ciência estava avançando e a expectativa de vida das pessoas melhorava, porém, devido a tantas guerras, houve crises na agricultura, o que acarretou falta de alimentos. Para sobreviver a isso, optou-se por migrar para países onde existissem melhores condições. Muitos migrantes vieram para a América à procura de trabalho e terras.

Mas a situação se inverteu em meados do século XX. Após a Segunda Guerra Mundial, a população de países “desenvolvidos” diminuiu e foi necessário que houvesse pessoas de outros países para realizar os trabalhos rejeitados pelos nativos.

Desse modo pode-se concluir que desde o início das migrações, o objetivo é fugir da pobreza, das guerras e de calamidades de seus países de origem. Realmente, a migração ocorre por motivos de real necessidade. E, se tivessem escolhas, muitos migrantes não sairiam de sua terra natal. Numa entrevista à revista *Desperta!*² de 8 de maio de 1992, um trabalhador migrante da zona rural no sul da África disse: “Nós vamos a Johannesburgo para ganhar dinheiro, porque aqui não tem serviço [...] se tivéssemos serviço aqui, nem pensaríamos em ir a Johannesburgo.”

Esses imigrantes detêm os piores trabalhos e são até mesmo perseguidos por nacionalistas fanáticos, sofrendo riscos de perder a vida. A revista *Desperta!* de 8 de setembro de 1997 diz:

² *Desperta!* é publicada mensalmente pelas Testemunhas de Jeová desde 1919 e hoje em dia é traduzida para 83 idiomas. Muitos pesquisadores de vários países veem essa revista com bons olhos. Por exemplo, no jornal *Creston News Advertiser*, de Iowa, EUA, de 23 de dezembro de 1988, o redator Randy Porter dizia: “Filosofia e religião me interessam, mas essas revistas têm também artigos semi-seculares sobre uma espantosa variedade de assuntos mundiais. (...) Ademais, alguns talvez se surpreendam de saber que elas não raro citam outras fontes de peso, além da Bíblia.” Além disso, *Desperta!* tem correspondentes em inúmeros países em todo o mundo, e, por isso, possui fontes de informação a que muitos não têm acesso. Pode-se ter mais informações sobre essa revista no site www.watchtower.org.

Os sentimentos racistas acalentam o que o nacionalismo bem cedo ensina às crianças, ou seja, que não é errado odiar os inimigos de seu país. Um ensaio de George M. Taber, articulista da revista *Time*, observou: “De todos os ismos políticos da História, talvez o mais forte seja o nacionalismo.” Ele explicou: “Em seu nome se derramou mais sangue do que em nome de qualquer outra causa, exceto religião. Os demagogos por séculos têm incitado as massas fanáticas lançando toda a culpa de suas dificuldades em algum grupo étnico vizinho.”

De fato, o preconceito nacionalista acaba por fazer com que muitos imigrantes sejam rejeitados, humilhados ou até mesmo assassinados. Esse preconceito não é apenas por parte de habitantes comuns do país de refúgio. Até mesmo pessoas que poderiam ajudar os imigrantes e protegê-los, querem, na verdade, afugentá-los. A mesma edição da *Desperta!* de 1992 diz:

Algumas autoridades de imigração admitem que seguem uma política de exclusão. Um funcionário de imigração num país asiático declarou que sua função era ‘manter afastados os estrangeiros’. Também, referindo-se ao recente influxo de refugiados vindos de um país do leste europeu, a revista *Time* cita um alto funcionário que disse: “Não queremos que se sintam muito bem aqui, porque queremos que voltem para o lugar de onde vieram.”

Já a migração interna brasileira teve início na segunda metade do século XX. Em especial por causa de problemas sociais e trabalhos forçados, justificados especialmente pela seca. As regiões do Nordeste foram as mais afetadas por problemas de distribuição de terras e condições de trabalho. Com isso, o fluxo de nordestinos aumentou em outros lugares do Brasil. Eles migraram principalmente para o Rio de Janeiro e São Paulo, onde ocorria o processo de urbanização. Mas, esses migrantes não tinham condições de se manter até conseguirem um emprego digno. Por isso, a maioria dos migrantes passaram a viver em favelas e em situações precárias, além de possuírem os piores empregos e salários. No Rio de Janeiro, o maior fluxo de imigrantes ocorreu na região Fluminense. É nesse ponto que queria chegar.

De Clarice Lispector³

Clarice Lispector é de origem judaica e nasceu em 1920 na Ucrânia. Sua família chegou ao Brasil quando ela tinha dois meses de idade. Sempre que questionada sobre sua nacionalidade, Clarice afirmava não ter nenhuma ligação com a Ucrânia, "Naquela terra eu literalmente nunca pisei: fui carregada de colo." Ela reconhecia o Brasil como sua pátria de origem.

³ Esta biografia é baseada no livro *Clarice, uma biografia*, de Benjamim Moser, jornalista e biógrafo norte-americano. Podem-se assistir diversas de suas entrevistas em programas da TV brasileira, como *Entrelinhas* e *Jogo de idéias*, acessando-se o link http://wn.com/Entrevista_com_Benjamin_Moser.

Seu nome “verdadeiro” é Haia Lispector, mas, devido à perseguição, seu nome foi mudado para Clarice Lispector, assim como todos os outros membros de sua família também mudaram de nome ao chegarem a Maceió, em 1922.

Clarice Lispector passou parte da infância no bairro Boa Vista, no Recife. Estudou no Ginásio Pernambucano de 1932 a 1934. Falava francês e inglês, além de ter crescido ouvindo em casa o idioma ídiche. Clarice começou a escrever logo que aprendeu a ler. Aos nove anos sua mãe morreu.

Quando tinha 15 anos seu pai decidiu se mudar para o Rio de Janeiro. Clarice estudou em uma escola primária na Tijuca, até ir para o curso preparatório para a Faculdade de Direito. Foi aceita para a Escola de Direito na Universidade do Brasil, em 1939. Em 1940, aos 19 anos, publicou seu primeiro conto "Triunfo" na Revista *Pan*.

Três anos depois, seu pai Pedro morre e, como consequência, Clarice se afasta do judaísmo. No mesmo ano, Clarice é alocada para trabalhar na Agência Nacional, responsável por distribuir notícias aos jornais e emissoras de rádio da época. Em 1943, no mesmo ano de sua formatura, casou-se com o colega de turma Maury Gurgel Valente, futuro pai de seus dois filhos. Em sua primeira viagem como esposa de diplomata, Clarice morou na Itália onde serviu durante a Segunda Guerra Mundial como assistente voluntária. Também morou em países como Inglaterra, Estados Unidos e Suíça, países para onde Maury foi escalado.

Em 1959 separou-se do marido e voltou permanentemente ao Rio de Janeiro com seus filhos, morando no Leme. No mesmo ano assina a coluna "Correio feminino - Feira de Utilidades", no jornal carioca *Correio da Manhã*, sob o pseudônimo de Helen Palmer. No ano seguinte, assume a coluna "Só para mulheres", do *Diário da Noite*.

Clarice foi hospitalizada pouco tempo depois da publicação da novela *A Hora da Estrela* com câncer no ovário. Faleceu no dia 9 de dezembro de 1977. Até a manhã de seu falecimento, mesmo sob sedativos, Clarice ainda ditava frases para a amiga Olga Borelli.

Qual é *A hora da estrela*?

A novela *A hora da estrela* narra, por meio do fictício Rodrigo S.M, a vida de uma alagoana órfã, cujos pais morrem de “febres ruins no sertão de Alagoas” quando ela tinha dois anos de idade. Depois disso, Macabéa fica aos cuidados de sua tia, que lhe ensina tudo que precisa saber para ser uma mulher de bem. Com essa tia, ela viaja para Maceió e depois para o Rio de Janeiro. Após sua morte, Macabéa passa a morar numa vaga de quarto com mais quatro moças, todas de nome Maria, balconistas das Lojas Americanas.

Enquanto ainda estava viva, a tia de Macabéa consegue arrumar-lhe um emprego como datilógrafa. Porém, ela erra demais na datilografia, o que faz com que Raimundo, seu patrão, quisesse demiti-la do trabalho. Macabéa gosta de ouvir o rádio de uma de suas amigas na sintonia “cultura e hora certa”. Ela é muito pobre e não tem condições de ter uma boa refeição, então todos os dias come cachorro-quente.

Certo dia conhece Olímpico, também nordestino, por quem se apaixona e os dois acabam namorando. Mas ele é ambicioso e vê que com Macabéa não poderia progredir na vida. Assim, quando conhece Glória, colega de trabalho de Macabéa, filha do dono do açougue e nativa do Rio de Janeiro - “o fato de se carioca tornava-a pertencente ao ambicionado clã do sul do país” -, Olímpico decide se afastar da nordestina para ficar com a “carioca da gema”. Ele vê em Glória uma oportunidade de torna-se açougueiro, além disso, ela poderia ser uma boa parideira, diferente de Macabéa, que morreria nela mesma.

Depois de roubar seu namorado, Glória convida Macabéa para um lanche em sua casa e depois a incentiva a ir ao médico, onde Macabéa constata que está com tuberculose.

Vendo a tristeza de Macabéa e querendo compensá-la por ter-lhe roubado o namorado, Glória indica-lhe uma cartomante para ajudá-la a ter um futuro melhor. Macabéa vai até a cartomante que fala tudo o que aconteceu com ela. Prediz também um bom futuro para Macabéa, que se encontraria com um homem alto com os alhos azuis, verdes ou castanhos. Isso faz com que ela até se esquecesse de Olímpico. Ela sai da cartomante convencida de que será feliz e de que encontrará seu príncipe. Porém, ao atravessar a rua, ela é atropelada por um Mercedes amarelo de alto luxo, o que a faz pensar que as predições da cartomante já estavam se cumprindo. Nesse momento, diversas pessoas surgem ao redor de Macabéa “sem fazer nada, assim com antes pessoas nada haviam feito por ela, só que agora pelo menos a espiavam.” Ali mesmo na rua, Macabéa morre.

Ao escrever sobre a história dessa migrante nordestina que, morando no Rio, fica um pouco perdida, Clarice não tem como objetivo tentar resolver algum problema social. Como ela mesma disse numa entrevista ao jornalista Junio Lerner para o programa Panorama⁴, em 1977: “Eu escrevo sem esperança em que o que eu escrevo altere qualquer coisa. Não altera em nada.” Quando o jornalista pergunta por que continuar escrevendo, ela diz: “Porque no

⁴ Felizmente pode-se acessar essa entrevista através do link http://wn.com/entrevista_com_Clarice_Lispector.

fundo a gente não tá querendo alterar as coisas, a gente tá querendo desabrochar de um modo ou de outro.”

Percebe-se então que o objetivo de Clarice Lispector ao escrever essa novela não era lutar por uma causa, mas soltar para fora o que estava sentindo com relação a nordestinos. Na mesma entrevista ela diz que a novela conta a “história de uma inocência pisada, de uma miséria anônima.” Ao responder à pergunta do repórter “Como você foi buscar dentro de si mesma...?” Clarice Lispector mostra o que a motivou a redigir *A hora da estrela*:

Eu morei em Recife, eu morei no Nordeste, eu me criei no Nordeste. E depois, no Rio de Janeiro tem uma fila dos nordestinos no campo de São Cristóvão e uma vez eu fui lá e peguei o ar do... meio perdido do nordestino no Rio de Janeiro. Daí comecei a ter idéias. Eu... depois eu fui à cartomante e imaginei - ela disse várias coisas boas que iria me acontecer - e imaginei, quando tomei um táxi de volta, que seria muito engraçado se um táxi me pegasse e me atropelasse e eu morresse depois de ter ouvido todas essas coisas boas. Daí surgiram idéias. Então daí foi nascendo também a trama da história.

Apesar dessa afirmação de que ao escrever a novela, o objetivo não era tentar alterar as coisas, *A hora da estrela* é de cunho social, até mesmo pessoas que não são migrantes podem se identificar com Macabéa. A própria ideia para redigir a novela veio de fatos da vida real: nordestinos em fila no campo de São Cristóvão e com semblante de que estavam confusos por viver numa cidade que foi “toda feita contra” eles (LISPECTOR, 1998, p. 15).

Além disso, no início da narração, Rodrigo S.M. diz:

Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem existe? (LISPECTOR, 1998, p. 14).

Pode-se notar a verossimilhança no fragmento acima, em que o narrador afirma que “há milhares de moças como ela” e usa como argumento a enumeração de lugares onde essas moças podem ser encontradas. É como uma divulgação de que há moças vivendo no anonimato e que são exploradas profissionalmente, além não terem uma vida digna. Macabéa é como uma representação dessas moças. De fato, Macabéa não consegue ver a situação em que vive e nem sabe como se comunicar. Mas mesmo se soubesse expressar seus sentimentos e reclamar de sua condição, a quem iria pedir ajuda? Quem a ouviria?

É sobre esse emudecimento que Gayatri Chakravorty Spivak fala no livro “Pode o subalterno falar?”. Primeiro, é necessário saber qual é a definição de “subalterno” e Sandra Regina

Goulart Almeida, tradutora para o português do livro de Spivak, cita no prefácio o que Spivak diz sobre esse termo:

O termo subalterno, Spivak argumenta, descreve “as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2010, p 12).

Com isso em mente, pode-se incluir Macabéa e as “milhares de moças como ela” entre os subalternos. Será que elas podem falar e ser ouvidas? Spivak diz:

Para o “verdadeiro” grupo subalterno, cuja identidade é a sua diferença, pode-se afirmar que não há nenhum sujeito subalterno irrepresentável que possa saber e falar por si mesmo. A solução do intelectual não é a de se abster da representação. O problema é que o itinerário do sujeito não foi traçado de maneira a oferecer um objeto de sedução ao intelectual representante (SPIVAK, 2010, p. 60).

Macabéa se insere nesse grupo dos “verdadeiros” subalternos. Ela precisa de alguém que fale por ela, pois sua voz jamais seria ouvida e sua presença – ou ausência – jamais seria notada. As palavras do narrador, Rodrigo S.M., nos dão uma pista disso: “Cuidai dela porque meu poder é só mostrá-la para que vós a reconheçais na rua, andando de leve por causa da magreza” (LISPECTOR, 1998, p. 19). Para que Macabéa pudesse ser vista pelos outros na rua, seria necessário alguém falar por ela, para pelo menos observá-la.

Falando sobre como o intelectual poderia falar pela nação indiana (subalternos), Spivak continua:

Seu projeto, afinal, é o de reescrever o desenvolvimento da consciência da nação indiana. A descontinuidade planejada do imperialismo distingue rigorosamente esse projeto, por mais antiquada que seja sua articulação, do ato de “tornar visíveis os mecanismos médicos e jurídicos que permeiam a história [de Pierre Rivière]” (SPIVAK, 2010, p. 61).

Se Rodrigo S.M conseguisse que Macabéa fosse vista, acabaria com sua invisibilidade, seria isso uma vantagem? Segundo Homi K. Bhabha (2007), o sujeito invisível pode tirar proveito de sua invisibilidade. Como seria possível isso? A maioria dos seres humanos querem ser observados, mas há um momento em que isso deixa de ser um ganho. Como no caso que ocorre no livro de Homi K. Bhabha, *O local da cultura*, no qual ele transcreveu trechos do poema de “uma mulher negra, descendente de escravos”:

...
Um dia aprendi
uma arte secreta,
Invisibili-Dade, era seu nome.
Acho que funcionou

pois ainda agora vocês olham
mas nunca me vêem
Só meus olhos ficarão para vigiar e assombrar
e transformar seus sonhos
em caos (BHABHA, 2007, p.78).

Nesse trecho, pode-se perceber o que o *eu lírico* apreende uma vantagem em seu estado de invisibilidade: “Ao romper a estabilidade do ego, expressa na equivalência entre imagem e identidade, a arte secreta da invisibilidade da qual fala a poeta migrante muda os próprios termos de nossa percepção da pessoa” (BHABHA, 2007, p. 79). Ser visto não é benéfico nesse momento. Especialmente se for visto por estrangeiros ou colonizadores que só querem maltratar o subalterno.

Esta mudança é precipitada pela temporalidade peculiar na qual o sujeito não pode ser apreendido sem a ausência ou invisibilidade que o constitui – “pois ainda agora vocês olham, mas nunca me vêem” – de modo que o sujeito fala, e é visto, de onde ele *não* está; e a mulher migrante pode subverter a satisfação perversa do olhar racista e machista que denegava sua presença, apresentando-a como uma ausência ansiosa, um contra-olha que devolve o olhar discriminatório que nega sua diferença cultural e sexual (BHABHA, 2007, p. 80. *Grifo do autor*).

Seria interessante então a invisibilidade, uma forma de se observar o Eu sem por ele ser observado. Bhabha fala do Eu e do Outro em seu livro. Mas o que seria o Eu e o Outro? Bhabha faz uma separação entre o Eu e o Outro. Falando sobre a relação colonial de alteridade ente colonizados e colonialistas, ele diz:

[...] existir é ser chamado à existência em relação a uma alteridade, seu olhar ou locus. É uma demanda que se estende em direção a um objeto externo e, como escreve Jacqueline Rose, “É a relação dessa demanda com o lugar do objeto que ela reivindica que se torna a base da identificação”. Este processo é visível na troca de olhares entre o nativo e o colono, que estrutura sua relação psíquica na fantasia paranóide da posse sem limites e sua linguagem familiar de reversão: “Quando seus olhares se encontram, ele [o colono] verifica com amargura, sempre na defensiva, que ‘Eles querem tomar nosso lugar’. E é verdade, pois não há um nativo que não sonhe pelo menos uma vez por dia se ver no lugar do colono”. É sempre em relação ao lugar do Outro que o desejo colonial é articulado: o espaço fantasmático da posse, que nenhum sujeito pode ocupar sozinho ou de modo fixo e, portanto, permite o sonho da inversão dos papéis (BHABHA, 2007, p. 76).

Pode-se considerar, então, que o Eu é o colono e o Outro é o colonizado, que ser tomar o lugar do Eu. Para o narrador Rodrigo S.M. é como se olhar e ver Macabéa também causasse uma amargura. É como se provocasse uma junção do Eu (intelectual) no Outro (subalterno): “Vejo a nordestina se olhando ao espelho e – um rufar de tambor – ano espelho aparece meu rosto cansado e barbudo. Tanto nós nos introcamos. Não há dúvida que ela é uma pessoa física” (LISPECTOR, 1998, p. 22).

Abaixo estão alistadas algumas evidências da invisibilidade de Macabéa e, logo após, serão feitos comentários acerca disso.

1. “A pessoa de quem vou falar é tão tola que às vezes sorri para os outros na rua. Ninguém lhe responde ao sorriso porque nem ao menos a olham” (p. 16).
2. “Quanto à moça, ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando [...] O seu viver é ralo” (p. 23).
3. “Nada nela era iridescente, embora a pele do rosto entre as manchas tivessem um leve brilho de opala. Mas não importava. Ninguém olhava para ela na rua, ela era café frio” (p.27).
4. “Precisava dos outros para crer em si mesma, senão se perderia nos redondos vácuos que havia nela” (p. 38).
5. “Para as pessoas ela não existia” (LISPECTOR, 1998, p. 63).

Assim como a poeta migrante citada por Bhabha, Macabéa é invisível. Porém, ao contrário da poeta, ela é tola e tenta ter algum contato com o Outro/Eu que ela encontra pela rua. Já no segundo fragmento, observamos que a nordestina não é autossuficiente, necessitava de outras pessoas para que sua meditação pudesse continuar. Assim sendo, sua individualidade não existe. A condição bem clara nessa cena (ponto 4), pois, apesar de viver para si - “ela como uma cadela vadia era teleguiada exclusivamente por si mesma. Pois reduzira-se a si.” (LISPECTOR, 1998, p. 18) - não consegue existir sem o Outro/Eu para conseguir uma identidade, para conseguir meditar em algo.

Como ocorreu essa ‘redução em si’ e ‘necessidade dos outros’ por parte da nordestina? Waldenyr Caldas (1986) responde por dizer que

Hoje, pode-se dizer que a sociedade de massa apresenta características como o isolamento, a perda de individualidade, a padronização, a atomização do indivíduo e uma cultura estandardizada cujo objetivo é agradar ao gosto médio de uma audiência indiferenciada (CALDAS, 1986, p. 30).

Macabéa faz parte dessa “sociedade de massa” - “ela apenas vive” - observada por Caldas. A sua identidade “rala” é moldada pela indústria do cinema e da rádio:

E tinha um luxo, além de uma vez por mês ir ao cinema: pintava de vermelho grosseiramente escarlate as unhas das mãos. Mas como as roia quase até o sabugo, o vermelho berrante era logo desgastado e via-se o sujo preto por baixo.

[...]

Todas as madrugadas ligava o rádio emprestado por uma colega de moradia, Maria da Penha, ligava bem baixinho para não acordar as outras, ligava invariavelmente para a Rádio Relógio, que dava “hora certa e cultura”, e nenhuma música, só pingava em som de gotas que caem [...] E sobretudo esse canal de rádio aproveitava intervalos entre as tais gostas de minuto para dar anúncios comerciais – ela adorava anúncios (LISPECTOR, 1998, p. 36, 37).

Com a ajuda desse fragmento percebe-se o anseio não apenas de comer , ela ‘morria de fome’ (LISPECTOR, 1998, p. 15), mas também de divertir-se. Ela gostava dos anúncios, mas não teria condições de comprar as coisas anunciadas por ser tão pobre, então apenas ficava olhando sua coleção de anúncios. E sua diversão estava em escutar rádio e ir ao cinema, assistir filmes e querer ser como as atrizes famosas – querer a identidade do “Eu/Outro”. Hanna Arendt (1989) fala sobre a dependência em outras pessoas para confirmar a identidade:

Para confirmar a minha identidade, dependo inteiramente de outras pessoas; e o grande milagre salvador da companhia para os homens solitários é que os ‘integra’ novamente; poupa-os do diálogo do pensamento no qual permanecem sempre equívocos, e restabelece-lhes a identidade que lhes permite falar com a voz única da pessoa impermutável. (ARENDR, 1989, p. 529)

A imigrante precisa achar uma identidade. Após o término do namoro com Olímpio, a sua existência fica mais abalada, ela não tem mais identidade, quer recuperar isso por meio do “Eu/Outro”:

Já que ninguém lhe dava festa, muito menos noivado, daria uma festa para si mesma. A festa consistiu em comprar sem necessidade um batom novo, não cor-de-rosa como o que usava, mas vermelho vivante. No banheiro da firma pintou a boca toda e até fora dos contornos para que os seus lábios finos tivessem aquela coisa esquisita dos lábios de Marylin Monroe (LISPECTOR, 1998, p. 62).

O que motiva a nordestina subalterna a comprar e usar aquele batom é a capacidade que ele teria de torná-la alguém diferente e melhor, o que está longe de sua capacidade. Ela nunca mudaria sozinha. O batom “vermelho vivante”, nesse caso, é o que possibilita que Macabéa imagine-se mais próxima do “Eu/Outro” - Marylin Monroe (BAUMAN, 2007). É sobre o consumismo da sociedade atual que Hanna Arendt trata em *A condição humana*:

Diz-se frequentemente que vivemos numa sociedade de consumidores; e, uma vez que, como vimos, o labor e o consumo são apenas dois estágios de um só processo, imposto ao homem pelas necessidades da vida, isto é o mesmo que dizer que vivemos numa sociedade de operários (“laborers”), ou seja, de homens que “laboram” (ARENDR, 2009, p. 138, 139).

Nesse capítulo sobre a sociedade do consumo, Arendt diz que o tempo de trabalho diminuiu em relação ao início do capitalismo e que agora há mais horas vagas anuais para os trabalhadores, mas isso não aconteceu no caso de Macabéa e suas companheiras de quarto, que, quando vão dormir, já estão exaustas: “cansadas demais pelo trabalho que nem por ser anônimo era menos árduo” (LISPECTOR, 1998, p. 31).

Observe agora como o som e o silêncio são vistos na vida da imigrante:

Ela era calada (por não ter o que dizer) mas gostava de ruídos. Eram vida. Enquanto o silêncio da noite assustava: parecia que estava prestes a dizer uma palavra falta. Durante a noite na rua do Acre era raro passar um carro, quanto mais buzinassem, melhor para ela (LISPECTOR, 1998, p. 33).

Esse fragmento remete-nos ao que Murray Schaffer (1991) disse sobre o silêncio: “Silêncio é o resultado da rejeição da personalidade humana. O homem teme a ausência de som como teme a ausência de vida [...] O último silêncio é a morte [...] O som corta o silêncio (morte) com sua vida vibrante” (SCHAFFER, 1991, p. 72 a 73).

Gostar do som não significa necessariamente saber falar ou o que dizer. Principalmente para alguém cuja voz não é interessante, falar pode ser muito doloroso, tão doloroso quanto ficar calado. É isso que acontece com aqueles que não fazem parte da classe dominante, mas da “sociedade de massa” que são necessários apenas enquanto podem trazer algum benefício aos acima deles. Quando não correspondem mais às expectativas dos em autoridade, são liberados como algo que não serve mais. Como no caso dos imigrantes, que detêm dos piores empregos, piores salários e ainda não são respeitados (SPIVAK, 2010). Por não conseguirem e nem saberem reclamar, são maltratados em silêncio. *A hora da estrela* reforça essa visão de domínio prejudicial ao expor o momento da demissão de Macabéa:

[...] nada argumentou quando o chefe da firma de representante de roldanas avisou-lhe com brutalidade (brutalidade essa que ela parecia provocar com sua cara de tola, rosto que pedia tapa), com brutalidade que só ia manter no emprego Glória, sua colega, porque quanto a ela, errava demais na datilografia, além de sujar invariavelmente o papel. (LISPECTOR, 1998, p. 24)

É possível entender todo o processo de emudecimento da imigrante por meio da leitura atenta de sua vida desde a infância, quando sua tia a maltratava até o momento que vai para o Rio de Janeiro - “cidade toda feita conta ela” (LISPECTOR, 1998). O silêncio passa a ser uma forma de não se expressar para não querer ser visto e humilhado. O subalterno teme a rejeição de ser visto, então prefere continuar emudecido e invisível para não ser “pior” para ele mesmo. No momento em que Macabéa vê o livro de seu patrão, cujo título era *Humilhados e ofendidos*, ela se incluiu nessa classe, mas para que lutar? Deveria aceitar sua vida, porque a vida devia ser assim para ela (LISPECTOR, 1998, p. 40).

Esse emudecimento intensifica-se a partir do momento em que a música entra na vida do subalterno. Como no caso da subalterna em questão, que se emocionou ao ouvir pela primeira vez uma música, mas não sabia o que significavam aquelas palavras. Adorno explica em isso ao dizer:

[...] para quem a música de entretenimento serve ainda como entretenimento? Ao invés de entreter, parece que tal música contribui ainda mais para o emudecimento dos homens, para a morte da linguagem como expressão, para a incapacidade de comunicação. A música de entretenimento preenche os vazios do silêncio que se instalam entre as pessoas deformadas pelo medo, pelo cansaço e pela docilidade de escravos sem exigências. Assume ela em toda parte, e sem que se perceba, o trágico papel que lhe competia ao tempo e na situação específica do cinema mudo. A música de entretenimento serve ainda – e apenas – como fundo (ADORNO, 1980, p. 166).

Tanto a música quanto o cinema fazem com que o subalterno percam cada vez mais sua identidade. Passa-se a imitar os gestos, as expressões, as roupas entre outras coisas dos que estão acima deles. Nilceia Campos diz que “não se dança nem se ouve música “por sensualidade”, muito menos a audição satisfaz à sensualidade, mas o que se faz é imitar os gestos de pessoas sensuais” (Campos, 2005, p. 80). A imigrante quer imitar Marilyn Monroe, como já dito.

Michel de Certeau (1995) faz a distinção entre a elite e a massa na França, tendo como base os estudos e a cultura desse povo específico. Porém, ele afirma:

[...] multidão esconde talvez ainda, por trás dos métodos que excluem o acontecimento e que eliminam as particularidades, o postulado de uma “inércia abstrata” da turba. Talvez seja o resultado extremo, no cálculo, daquilo que permitiu o expansionismo cultural e técnico de uma sociedade, mas ao preço de uma escolha que esse desenvolvimento implica e revela por toda parte: o anonimato da massa, a inércia do multidão (CERTEAU, 1995, p. 172).

Nem sempre a multidão possui uma “inércia abstrata”, muitas vezes os “invisíveis” e “mudos” se unem para que sua voz seja ouvida e que seja vista a sua presença. É o caso dos “movimentos sem terra”, como via de exemplo. Só mesmo como exemplo, já que estamos tratando de uma pessoa que é como a maioria: muda e invisível, sem poder (querer) falar porque acredita que isso não resolverá nada. Bhabha (2002) cita algumas patologias sociais, dentre elas a “anomia” que é a falta de objetivos e perda da identidade. Exatamente como a nordestina de nosso estudo. O que se pode fazer para ajudar pessoas como ela, já que se afirmou diversas vezes que há milhões como ela?

Observa-se ao fim da novela que finalmente Macabéa é vista. Mas somente no momento da morte. Será que todos os subalternos serão notados apenas no momento da morte? Alguns nem assim são vistos. E sobre escutar: a voz de Macabéa saiu baixa e tentaram ouvir o que ela tinha a dizer, por que não tentaram ouvir antes? Observe as palavras de Rodrigo S.M. narrando a morte de Macabéa:

Acho com alegria que ainda não chegou a hora da estrela de cinema de Macabéa morrer. Pelo menos ainda não consigo adivinhar se lhe acontece o homem louro e estrangeiro. Rezem por ela e que todos interrompam o que estão fazendo para soprar-lhe vida, pois Macabéa está por enquanto solta no acaso como a porta balançando ao vento no infinito. Eu poderia resolver pelo caminho mais fácil, matar a menina-infante, mas quero o pior: a vida. Os que me lerem, assim, levem um soco no estômago para ver se é bom. A vida é um soco no estômago.

[...]

E então- então o súbito grito estertorado de uma gaivota, de repente a águia vorá erguendo para os altos ares a ovelha tenra, o macio gato estraçalhando um rato sujo e qualquer, a vida come a vida. (LISPECTOR, 1998, p. 83, 85).

Pronto, uma subalterna a menos no mundo. “Viver é luxo” (LISPECTOR, 1998, p. 86).

Conclusão

Como foi considerado neste artigo, a modernidade força pessoas a migrar e tentar uma vida melhor numa chamada “cidade grande”, urbanizada. No entanto, observamos evidências de que, na maioria das vezes, a vida torna-se tão árdua quanto na cidade natal. Então esses migrantes nos remetem à Macabéa. Essa protagonista nordestina que tem uma vida curta e rala no Rio de Janeiro.

Dois elementos sobre essa nordestina fictícia (que nem por isso deixa de ser real, já que há muitos como ela) que foram analisados são: a questão da invisibilidade e do silêncio. Foi possível notar que ela “era calada (por não ter o que dizer)” e “tão tola que às vezes sorri para os outros na rua. Ninguém lhe responde ao sorriso porque nem ao menos a olham”. Eles nem ao menos são vistos, como observamos, ocorre um processo de invisibilidade nos seres humanos subalternos. Eles não são vistos pelo Outro. Esse Outro, que é o Eu “colonialista” não quer olhar para eles por medo, medo do mau olhar (BHABHA, 2007).

Macabéa reforça a identidade de milhões de brasileiros, que se calam diante de extremas dificuldades por não saberem a quem recorrer. Esse silêncio provoca neles mal estar, medo de reclamar e não ser ouvido. De fato, quem os ouviria? Quem atenderia aos seus pedidos?

Seria necessário, então, um mediador entre ela e o sujeito que não é subalterno, como foi posto por Spivak (2010). Foi examinado que esse mediador precisaria ser o intelectual. No caso de Macabéa, o intelectual que a mostrou às pessoas não subalternas foi Clarice Lispector, escritora do livro, usando o fictício Rodrigo S.M.

Mas surge a questão. Com tantos anos lutando, será que os intelectuais realmente estão conseguindo falar pelo subalterno e fazer com que ele seja ouvido? Será possível um dia os seres humanos pararem de julgar um ao outro pelo trabalho, pela aparência ou pelo modo de vida?

É necessário que sejam feitos mais estudos sobre isso e que cada um tente olhar para o próximo com mais respeito e bondade. Talvez assim seja possível acabar com o preconceito, a violência e a subalternidade.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

AJUDEM! Somos estrangeiros. **Despertai!**, São Paulo, p. 3-12, mai. 1992.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. RJ: Forense Universitária, 2000.

BAUMAM, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

BAUMAN, Zigmunt. **Vida de consumo**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

CALDAS, Waldenyr. **Cultura de massa e política de comunicações**. São Paulo: Global, 1986.

CAMPOS, Nilceia Protásio. Luz, câmera, ação e... música!: os efeitos do espetáculo nas práticas musicais escolares. **ABEM**, Porto Alegre, n. 13, p. 75-82, set. 2005. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista13/revista13_completa.pdf#page=76>. Acesso em: 05 maio 2011.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas: Papyrus, 1995.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MOREIRA, Igor. **O espaço geográfico, geografia geral e do Brasil**. 46. ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

MOSER, Benjamin. **Clarice, uma biografia**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2009.

SCHAFFER, Murray. **O ouvido pensante**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

UM mundo ensinado a odiar. **Desperta!**, São Paulo, p. 5-8, set. 1997.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.